

INFORME

INFORMATIVO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS Nº 63 JULHO/AGOSTO DE 2011

ARTIGOS

ENTRE OS NOVE MELHORES CURSOS DA USP, SEIS SÃO DA FFLCH

POR RAFAEL KOPKO

Em recente pesquisa da QS World University Ranking, a FFLCH apareceu com seis cursos entre os 200 melhores do mundo. Do total de nove cursos da USP que obtiveram classificação, a FFLCH responde por dois terços. Na verdade, e como se pode

ver na tabela abaixo, trata-se de seis áreas de conhecimento, abrigadas em seis dos nossos onze departamentos (Filosofia, História, Geografia, Linguística, Ciência Política e Sociologia) e que contemplam todos os nossos cinco cursos de graduação.

Subject	Academic	Employer	Citations	Rank
Earth & Marine Sciences	39.8	7.7	14.3	51-100
Engineering - Civil & Structural	27.9	11.6	14.3	151-200
Geography & Area Studies	16.2	6.2	43.6	151-200
History	16.9	6.3	14.7	101-150
Linguistics	21.5	8.2	7.2	101-150
Philosophy	26.8	5.9	5.0	51-100
Physics & Astronomy	28.7	4.9	15.0	151-200
Politics & International Studies	15.8	4.0	6.2	151-200
Sociology	39.4	7.8	0.0	51-100

Conversamos com os Professores Modesto Florenzano, Vice-Diretor, Sara Albieri, Chefe do Departamento de História, Fernando Limongi, Chefe do Departamento de Ciência Política e Ronald Beline Mendes, Chefe do Departamento de Linguística, para saber quais são os pontos que levaram seus cursos a estarem entre os 200 melhores do mundo. Confira suas diferentes visões sobre como esses cursos se

tornaram fortes no cenário mundial, e como ainda podem melhorar.

PROF. DR. MODESTO FLORENZANO

VICE-DIRETOR

Por mais questionável e deficiente que seja a pesquisa (e o instituto que a realizou) – e são – não deixa de ser um dado a mais, um indicativo,

EXPEDIENTE

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITOR:

Prof. Dr. João Grandino Rodas

VICE-REITOR:

Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**DIRETORA:**

Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini

VICE-DIRETOR:

Prof. Dr. Modesto Florenzano

COMITÊ EDITORIAL DO INFORME:

Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini (DTLLC), Prof. Dr. Modesto Florenzano (DH), Prof. Dr. Cicero Romão Resende de Araújo (DCP), Prof. Dr. Moacyr Ayres Novaes Filho (DF), Prof. Dr. João Roberto Gomes de Faria (DLCV) e Sra. Eliana Bento da Silva AmatuZZi Barros (Membro Assessor).

SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**COORDENAÇÃO:**

Dorli Hiroko Yamaoka - MTb. 35815

Eliana Bento da Silva AmatuZZi Barros - MTb. 35814

REVISÃO:

Wiviane Ribeiro do Carmo

SECRETÁRIA:

Neusa Bispo de Oliveira

Sumário

ARTIGOS

Entre os nove melhores cursos da USP,
seis são da FFLCH 1
Por Rafael Kopko

Proposta de mudança para a eleição do Reitor da USP 4
Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro

ENTREVISTAS

Entrevista com Prof. Dr. Ataliba Castilho 6
Por Rafael Kopko

Um ano da morte de José Saramago 8
Por Luis Ricardo Bérqamo

Tese defendida na História é a mais acessada da USP 9
Por Luis Ricardo Bérqamo

PREMIAÇÃO

Professor da FFLCH ganha prêmio Machado de Assis da
Academia Brasileira de Letras 11
Por Rafael Kopko

MEMÓRIA

100 anos de Tennessee Williams 14
Por Luis Ricardo Bérqamo

EVENTO

FFLCH realiza Seminário em homenagem ao Professor Milton
Santos 16
Por Luis Ricardo Bérqamo

ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO

Reforma nos prédios 20
Por Rafael Kopko

PRODUÇÃO DA FACULDADE 21

para reforçar a convicção de que os cursos de graduação da FFLCH estão entre os de mais alto padrão e excelência, seja quando comparados aos seus congêneres nos planos estadual e nacional, seja quando comparados aos demais cursos da própria USP.

Apesar de outros cursos de graduação da USP disporem, por razões que não cabe aqui lembrar, de instalações físicas e de recursos financeiros muito superiores aos da FFLCH, nem por isso eles obtiveram nesse e em outros rankings internacionais, posições tão expressivas quanto as de nossa escola.

SARA ALBIERI

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

“O Departamento de História da USP tem como meta principal, desde a sua fundação em 1934, a formação de professores de todos os níveis do ensino, tarefa que sempre cumpriu de forma destacada no panorama nacional. Abrigou a primeira pós-graduação em História do país, criada em 1971, tendo a partir de então papel ativo também na constituição dos cursos de nível universitário e de pós-graduação posteriormente organizados em território nacional.

Com a diversificação das áreas para as quais é solicitado o conhecimento específico do historiador, o Departamento também ampliou a gama de assuntos abordados pelos cursos oferecidos, acompanhando as demandas criadas pelas transformações da sociedade. Assim, à medida que novas frentes de atuação se abriram, das nossas salas saíram pesquisadores para arquivos, bibliotecas, museus, centros de cultura, órgãos públicos e privados de preservação do patrimônio histórico. Da mesma forma, o Departamento desenvolveu o treinamento em novas habilidades de ordem metodológica para atender as necessidades criadas pelas transformações sociais.

Os temas abordados pelos cursos e os enfoques analíticos estudados são constantemente revistos e ampliados para que o curso como um todo dê conta dos interesses do mundo contemporâneo, no qual o aluno está inserido e deve atuar. Com isso em mente, as novas tecnologias, relacionadas a recursos audiovisuais e a formas de pesquisa, são incorporadas não só como recursos didáticos, mas também como campos de atuação do historiador em formação.

Atualmente o departamento conta com um curso de Bacharelado e Licenciatura em História e dois

programas de pós-graduação: um em História Social e outro em História Econômica. No momento há 64 professores atuando na graduação (17 titulares, 8 associados e 39 doutores) e 100 (incluindo os docentes aposentados) nos programas de pós-graduação, em História Social e História Econômica”.

FERNANDO LIMONGI

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA

“Rankings de universidades e departamentos são muito úteis tanto para estudantes como para os professores e pesquisadores. Nem sempre as informações buscadas por alunos potenciais são as mesmas que embasam as decisões dos pesquisadores. Mas seja como for, rankings contém informação e permitem comparações. Erros e desvios são inevitáveis e, portanto, consultar diferentes rankings para fazer um juízo final é importante.

Em qualquer situação, sempre é preferível ter uma boa colocação. E pelo ranking da topuniversities, o departamento de Ciência política da USP pode se considerar bem classificado. As primeiras colocações são dominadas pelos departamentos das fortes universidades norte-americanas, como Harvard, Yale etc. Estas estão na frente não apenas em ciência política, mas em quase todas as áreas. Estas universidades e seus departamentos são casos a parte. No caso da ciência política, diferentemente do que se passa com outras especialidades no interior das ciências sociais, este problema é ainda mais acentuado na medida em que a disciplina foi e continua a ser vertebrada pela produção norte-americana.

Entre os 150 primeiros colocados, só há um departamento latino-americano, o da PUC do Rio. Então, se olharmos para os departamentos com os quais temos condições realistas de competir, devemos concluir que estamos bem colocados. Não que devamos nos considerar satisfeitos com a colocação obtida. Devemos reconhecer que há muito a fazer e muito que é possível fazer para melhorar nossa colocação neste e em outros rankings similares. Pessoalmente, creio que devemos ter uma política mais agressiva de internacionalização de nossos programas, buscando estabelecer vínculos mais fortes e permanentes com departamentos e pesquisadores de outras universidades. Nossa produção acadêmica precisa perder seu caráter provinciano, conectando-se mais efetivamente à agenda de pesquisa internacional”.

RONALD BELINE MENDES

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA

“O Departamento de Linguística foi criado em 1986. No entanto, o curso de linguística tem uma longa trajetória na USP - a cadeira de Linguística Indo-europeia foi criada em 1940, por iniciativa do Professor Theodoro Henrique Maurer Jr. Em 1962, um parecer do Conselho Federal de Educação introduz a disciplina Linguística nos currículos de Letras. Ainda que matéria obrigatória para todos os alunos de Letras a partir de então, só em 1972 essa disciplina passa a integrar o rol de habilitações oferecidas aos alunos de Letras da USP. Por outro lado, o Programa de Pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral data de 1968.

Hoje em dia, o DL é constituído de 24 professores, que se responsabilizam, tanto na graduação quanto na pós-graduação, pelas mais diversas subáreas: Fonética, Fonologia, Morfologia, Sintaxe, Semântica, Pragmática, Semiótica, Sociolinguística, Historiografia

Linguística, Linguística Histórica, Aquisição da Linguagem, Línguas de Sinais, Línguas não Indo-europeias. Além destas, os professores do DL também se dedicam às disciplinas Elementos de Linguística 1 e 2, oferecidas a todos os alunos do primeiro ano de Letras.

O DL-USP preocupa-se constantemente com seu papel na internacionalização da universidade. Nesse sentido, empenha-se principalmente em três frentes: o aumento de sua produção acadêmica nacional e internacional; a renovação de seu corpo docente e sua formação internacional (na forma de pós-docs); a participação, tanto do seu corpo docente quanto discente, em congressos internacionais. Além disso, o DL está sempre dedicado a estabelecer e reforçar diálogo coerente entre a graduação e a pós. Também procura divulgar, para professores da rede e ao público interessado, o saber sobre a linguagem humana e o conhecimento produzido pelos docentes do DL - através de cursos de extensão, assessorias e conferências”.

PROPOSTA DE MUDANÇA PARA A ELEIÇÃO DO REITOR DA USP

RENATO JANINE RIBEIRO PROFESSOR DO DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

Prestes a completar seu mandato como representante dos Professores Titulares no Conselho Universitário, o Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro apresenta sua proposta de mudança para a eleição reitoral da USP. O texto, abaixo reproduzido, enviado pelo autor a todos os professores titulares da universidade, numa espécie de prestação de contas, constitui sua reflexão sobre o tema por ele priorizado.

1) O sistema atual de escolha do Reitor não pode ser mantido. A intenção desse sistema, adotado em 1988, foi boa (fazer nomes surgirem de baixo para cima, sem fazerem campanha ¹), mas desde a eleição de 1989 sempre a disputa se deu entre dois nomes, que todos sabiam desde o começo quais eram. O primeiro turno nunca foi mais que uma grande pesquisa de opinião pública. O segundo turno tem sido o meio de reverter o resultado do primeiro turno. Pior: o segundo turno é uma forma de a Reitoria controlar a sucessão. (Isso me foi dito por membros do alto escalão da Reitoria, que *não* querem que as coisas continuem assim). Tanto assim que nenhum reitor em exercício deixou de fazer seu sucessor,

exceto quando o governador interveio e usou, em 2009, a prerrogativa da lista tríplice. O sistema está testado e não funciona.

2) Há duas grandes posições na USP a respeito. Por um lado, há os que defendem a **eleição direta do Reitor**. Infelizmente, no debate de fevereiro no Conselho Universitário, muito pouco foi proposto de concreto a respeito, embora metade dos vinte conselheiros que se pronunciaram parecessem defender esse sistema. Por outro, há os que se preocupam com a **qualidade da USP**. Também infelizmente, as duas posições ficaram demasiado opostas. Minha convicção é que, sem uma negociação franca e limpa, será difícil avan-

¹ Por isso, mil eleitores na época (hoje, quase dois mil) votam em até 3 nomes cada um, gerando-se assim uma relação de 8 mais votados que vai ao segundo turno; este elege uma lista tríplice que vai ao Governador.

çar. Foi o que tentei e é nisso que acredito. É preciso respeitar os valores de ambos os lados e tentar abrir ao máximo a escolha, mas de forma que valorize – em vez de arriscar – nossa qualidade.

3) Para mudar a escolha do Reitor, há três vias.

A primeira é a alteração do Estatuto pelo Co, que *dificilmente* votará a eleição direta (o advérbio é um eufemismo). A segunda seria uma lei votada pela Assembleia estadual, dado que a USP pertence ao Estado. Tal lei é improvável, e além disso representaria uma intervenção dos deputados estaduais na Universidade, o que acho preocupante. A terceira seria uma lei federal – algo contestável constitucionalmente, porque as leis federais sobre a educação têm respeitado muito a autonomia dos Estados ². Portanto, o melhor ou único caminho é a **negociação**.

4) Há duas questões cruciais a resolver: quem vota? e há ou não lista tríplice? Tentarei, na sequência, delinear alguns parâmetros a respeito.

5) Quem vota: o *minimum minimorum* a mudar é acabar com o atual colégio de segundo turno.

Ele acaba dando poder demais ao reitor e seus pró-reitores, que se tornam candidatos natos e sucessores prováveis. A simples substituição do colégio de 350 membros dos conselhos centrais por um de quase 2 mil membros dos mesmos, mais as congregações, tornaria praticamente impossível o controle do processo sucessório pela administração central. Acredito que essa reforma passaria, desde que o Reitor a submetesse ao Co e que haja acordo. **É importante notar que, sem acordo, não muda nada. Tudo fica como está. Se em nome da eleição direta não se votar nenhuma mudança, nada será mudado.**

6) É possível, também, ampliar o colégio de escolha (atual “colégio de primeiro turno”). Defendi, e alguns conselheiros também, que ele incluísse os conselhos departamentais e as comissões de Pesquisa, Pós, Graduação e Cultura. Provavelmente, o colégio chegaria a algo entre

3500 e 4000 membros. A lógica dessa inclusão é: todos aqueles que participam da vida universitária de maneira ativa, nem que seja apenas como membros de um dos seus principais colegiados, votariam na escolha de Reitor.

7) Uma opção adicional seria definir que todos os professores doutores votem para Reitor, o que significa a maioria esmagadora dos docentes. O critério deixaria de ser a participação na *gestão* universitária e se torna o da atuação, como *docente e pesquisador*, na USP. No modelo do item anterior, votam os que têm **ação** na USP; neste, os que têm **conhecimento** da USP.

8) As ampliações mencionadas deveriam repercutir na votação de servidores e alunos. Isso foi aventado por conselheiros, como o prof. Luis Nunes, ex-pró-reitor. Seria preciso definir como. No caso do item 7, que é convicção minha **pes-soal**, seria viável, a meu ver, adotar o sistema da LDB, com o voto dos professores doutores valendo 70% e um adicional importantíssimo: votariam docentes, alunos e funcionários com **dois** anos (ou mais) de USP. Se o critério, neste caso, é o de se ter um bom **conhecimento** da Universidade, é justo supor que, antes de concluir os créditos de dois anos de cursos (ou equivalente a isso, na pós-graduação, na docência e como funcionário), a pessoa ainda conhece insuficientemente nossa complexa USP.

9) Há também a questão da lista tríplice de Reitor. Pessoalmente, sou contra ela. Uma única pessoa pode reverter um processo em que se empenharam milhares – e, pior, sem motivar sua decisão. Se tivéssemos um colegiado externo que analisasse os nomes e justificasse sua escolha, poderia ser diferente. Mas não temos. Contudo, sei que muitos colegas consideram a lista tríplice uma garantia de qualidade, porque evita a demagogia. Penso que este assunto poderia ser discutido a seguir.

10) A maior parte das universidades federais adota um segundo turno entre os mais votados, caso nenhum candidato tenha a maioria absoluta.

² Poucos sabem mas, pela LDB, a avaliação da Capes não é suficiente para fechar um curso de pós-graduação de má qualidade que pertença aos Estados ou municípios. Tal competência é do Conselho *Estadual* de Educação. Presenciei casos de Estados em que os CEEs validam cursos inimagináveis. Mas o que tem salvo o sistema de avaliação é que as três universidades estaduais paulistas acatam as decisões da Capes, o que leva todas as outras estaduais a seguirem-nas. Não fosse assim... creio que muitos nem imaginam o que seria a pós-graduação brasileira.

Mas também poderíamos ter uma hipótese de conciliação: se alguém obtiver a maioria absoluta no primeiro turno, está eleito. Se não a obtiver, os três mais votados vão ao Governador, que escolhe entre eles. Isso incentiva a comunidade a resolver *interna corporis* a escolha do Reitor e reduz a decisão do Governador aos casos em que a universidade não atribua maioria a um candidato.

11) Poderíamos acrescentar um elemento que incentivaria a obtenção da maioria absoluta, bem como a formação de alianças entre candidatos. Primeiro, só poderiam ser votados candidatos inscritos. Para se inscrever, o candidato precisaria ter o apoio de 5% da comunidade (a definir: membros do Co, das Congregações, docentes doutores – não importa; o objetivo é evitar candidaturas sem apoio e, ao mesmo tempo, não impedir nomes com apoio de concorrer). Segundo, seriam nulas as cédulas que não sufragassem **três** nomes inscritos. Acabaria o “voto seco”. Acabaria também a tendência, que ocorre, de candidatos fazerem um acordo e não cumpri-lo. Como dificilmente teríamos mais que dez candidatos, esses seriam incentivados a fazer acordos entre si e a cumpri-los. **Caso um ou mais tenham a maioria absoluta (e é possível que até mesmo três tenham a maioria absoluta, por esse sistema), o mais votado seria o Reitor. Se ninguém tiver a maioria absoluta, a lista tríplice iria ao Governador.** Seria o sinal de que a Universidade não conseguiu ou não quis dar a um único nome uma maioria ampla.

Há pontos adicionais. Considero que:

- I) Os candidatos deveriam todos passar por uma sabatina, perante comissão de especialistas, que não poderia barrar nenhum nome, mas deveria emitir parecer sobre eles e suas propostas.
- II) Os candidatos que exercem certos cargos, como o de pró-reitor e diretor, deveriam afastar-se dos mesmos (sem precisar renunciar), 60 dias antes da votação.

Tudo o que expus acima são exemplos. Na proposta que entreguei ao Reitor, há uma sugestão de encaminhamento. Creio que seria bom evitarmos o clima de votar proposta contra proposta, que pode gerar impasses, os quais só manteriam a situação atual.

Finalmente, acredito que a melhor proposta que possa ser votada será, provavelmente, uma que não deixe ninguém muitíssimo feliz. Temos divisões pronunciadas. Mas acredito que a grande maioria dos envolvidos deseje, realmente, o melhor para a Universidade. Se isso ficar claro, teremos espaço para a resolução desse problema que, a meu ver, hoje cria um distanciamento excessivo entre a administração central e o corpo da Universidade. Lembro, para aqueles que acham que nossa categoria tem muito poder, que nem todos os mil Titulares votam no primeiro turno para reitor, porque em várias congregações nem todos são membros natos; que o próprio primeiro turno tem pouco peso; ou seja, mesmo os mil docentes mais titulados da USP não estão tão próximos dos centros de poder quanto se imagina.

ENTREVISTAS

ENTREVISTA COM PROF. DR. ATALIBA CASTILHO

POR RAFAEL KOPKO

Em entrevista, o professor Ataliba Castilho, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, fala sobre os conceitos de “língua viva” e “variantes linguísticas”.

INFORME: Qual é o conceito de língua viva?

Ataliba Castilho: Língua praticada por uma comunidade. Há mais de 6.000 línguas vivas no mundo,

atualmente. Prevê-se que metade delas desaparecerão nos próximos 50 anos. Uma língua desaparece quando deixa de ter falantes nativos. É sempre bom

lembrar que o Brasil é um país plurilíngue, pois além do português abriga 160 línguas indígenas, além de várias línguas de imigrantes.

INFORME: Porque a língua muda com o passar o tempo?

AC: Por duas razões, pelo menos: (1) Para proceder a ajustes em sua estrutura interna; esses ajustes promovem novos desajustes, e portanto não é possível falar numa “língua perfeita”, ou num “momento de ouro de uma língua”, a que se seguiria sua decadência. As línguas naturais são constitutivamente instáveis, como instáveis são as relações sociais. (2) Porque a comunidade que a fala passa por alterações, devidas a mudanças em sua estrutura (por exemplo, não se sabe qual será o impacto da nova classe média sobre o português brasileiro), devido às migrações internas e externas (por exemplo, não se sabe qual será o impacto sobre o português brasileiro da chegada de contingentes sociais que falam outras línguas, o mesmo quanto à expansão da fronteira agrícola, que tem levado suelistas para o Norte e o Nordeste do país, promovendo contatos interdialetais), etc.

INFORME: Considerando as variantes linguísticas, porque há tanto preconceito?

AC: Qualquer preconceito tem mais de uma fonte. O preconceito linguístico deriva da intolerância com o diferente, e também do fato de que as escolas focalizam exclusivamente o português culto, sem incluir em suas práticas a observação sistemática de outras variedades linguísticas brasileiras. Iniciativas nesta direção têm sido mal entendidas, mal interpretadas, e os professores que as tentaram foram considerados traidores do ideal da pureza linguística, confundida com o padrão culto. Nem professores nem linguistas negaram jamais que o dever da escola é passar o padrão culto. Isto sempre esteve fora de questão. O que, sim, tem sido proposto, é que a escola integre em suas práticas a discussão da realidade multidialeto da sociedade brasileira, para evitar que não-falantes do português padrão se sintam repelidos pela escola. Isto comprometeria os objetivos de refletir sobre o português nas aulas dessa disciplina.

INFORME: Essas variantes mudam de acordo com a época? Por exemplo na frase “o povo exagera”, também é possível que o verbo concorde com a ideia de plural do sujeito, e não com seu número. Em outros tempos isso era socialmente aceito, porque não é mais?

AC: As variantes linguísticas podem ser captadas através dos seguintes eixos: (1) eixo temporal: português arcaico, português clássico, português contemporâneo; (2) eixo espacial: português brasileiro, português europeu, português africano; no interior do Brasil, português do norte, português do sul; (3) eixo sociocultural: português culto, português popular; (4) eixo individual: português formal, português coloquial. Todas essas variantes mudam com o tempo. No seu exemplo, os dados mostram que o falante ora se concentra na forma singular do sujeito “o povo” (e o verbo vai para o singular, numa sintaxe acolhida pela norma culta), ora no sentido plural desse sujeito que, sendo um coletivo, leva o verbo para o plural (sintaxe não aceita pela norma culta). A aceitação ou não pela norma culta afeta apenas “o português das escolas”. O português geral segue em frente, mostrando que também as regras de concordância são variáveis.

INFORME: Ainda considerando o preconceito com a língua dita formal, qual a sua real veracidade, sendo que mesmo os que se mostram preconceituosos com a língua falada, em muitas vezes, não utilizam a formal para se comunicar? Tomo como exemplo a colocação pronominal, que raramente é verbalmente seguida do jeito “correto”.

AC: Como disse acima, o preconceito assenta numa percepção unitarista da língua. Mas a língua é heterogênea, é variada. É por isso que os preconceituosos não percebem que eles mesmos praticam a variação linguística. Não é possível falar sempre formalmente: isso só ocorre em situações formais. Nem é possível falar sempre informalmente. A situação linguística que estamos vivendo aponta para as seleções gramaticais correspondentes. Um falante proficiente, sabe manejar - para ficar em seu exemplo - as diferentes possibilidades de colocação pronominal, na dependência da situação linguística que ele está vivenciando.

UM ANO DA MORTE DE JOSÉ SARAMAGO

POR LUIS RICARDO BÉRGAMO

José de Sousa Saramago nasceu em 1922, numa aldeia ao sul de Portugal chamada Azinhaga. Em junho deste ano completou-se um ano de sua morte, causada pela leucemia e algumas outras complicações, que o fizeram ser internado por diversas vezes em seus últimos anos de vida. Assim, na manhã do dia 18 de junho de 2010, Saramago faleceu, aos 87 anos, em sua residência em Lanzarote, nas Ilhas Canárias, após deixar uma vasta obra.

Autor de 16 romances, sendo o primeiro datado de 1947, e mais um grande número de outras escrituras, entre poemas, contos, peças teatrais e crônicas, nos deixou uma vasta literatura. Com seu jeito pessimista e cético, o ganhador de prêmios como o Nobel e Camões marcou a história contemporânea com seu estilo próprio de pontuação e linguagem.

Sobre a importância de José Saramago e de sua obra, conversamos com a professora Marlise Vaz Bridi, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas.

INFORME: Qual a importância da obra de Saramago na literatura? Ele pode ser comparado com outros grandes escritores, como Machado de Assis no Brasil, ou mesmo Fernando Pessoa em Portugal, por exemplo?

Marlise Vaz Bridi: Considero Saramago um dos bons escritores portugueses da segunda metade do século XX. Sem dúvida Saramago colaborou para a constituição de uma literatura portuguesa contemporânea que, na média, é uma das melhores do período. Entretanto, mesmo ao considerarmos apenas a literatura da segunda metade do século XX para cá, ela já apresentava autores (ficcionistas e poetas) de grande importância, cuja obra era e continua sendo significativa. Ou seja, Saramago não surgiu em um vazio literário. Nesse sentido, a própria outorga do Prêmio Nobel a ele, insere-se, em minha opinião, nesse contexto. Havia já um interesse pela literatura portuguesa contemporânea que tinha obras de seus autores traduzidas e publicadas fora de Portugal (nada, claro, com a dimensão do fenômeno ocorrido com Saramago, sobretudo a partir do *Evangelho segundo Jesus Cristo*).

Quanto à segunda metade da sua pergunta, penso que não: não há como compará-lo, em minha opinião com o Machado de Assis. Além da distân-

cia temporal entre eles, a obra do Machado é de uma consistência interna incomum, enquanto a obra de Saramago é desigual. Na minha visão, Machado de Assis é um dos grandes ficcionistas da humanidade, apesar de ter escrito em português e por isso ser ainda pouco conhecido apesar do tempo. O conjunto de sua obra é um monumento interpretativo do Brasil do Segundo Império. Saramago é um ficcionista com algumas obras significativas (na minha lista estariam *Memorial do Convento*, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, *O Evangelho segundo Jesus Cristo* e *Ensaio sobre a Cegueira*), mas (sempre em minha opinião) muitas que são apenas bem escritas, interessantes; outras nem isso.

Quanto a Fernando Pessoa, também penso não haver a possibilidade de compará-los. Pessoa é um dos maiores poetas do século XX: novamente teve contra si escrever em uma língua que não tem a penetração no universo da cultura que o teria feito mais conhecido. Sua obra é também monumental e o processo da heteronímia representa uma profunda manifestação e interpretação da Modernidade. Não vejo em Saramago algo paralelo a isso, até porque a contemporaneidade é de outra ordem.

INFORME: Ele ganhou prêmios e foi reconhecido ainda em vida. Esse é um aspecto importante na formação de sua obra?

MVB: Penso que sim. Sobretudo, em relação ao Nobel. A visibilidade que ganhou, os contratos que assinou, as viagens constantes que fez, tudo isso interferiu em sua obra. Transformou-se em um autor de uma ou mais obras publicadas por ano. Claro que a depuração em um autor assim tão profícuo não pode ser a mesma de um autor que publica menos. A característica de Saramago é ser um contador de histórias, bom contador que escreve com cuidado e estilo próprios.

INFORME: Ele teve uma postura firme e impactante sobre assuntos como Socialismo e Igreja. Como isso é retratado em sua obra?

MVB: Quanto a esse aspecto, penso que é necessário distinguir o conjunto de sua obra e suas posições pessoais públicas. Sem sombra de dúvida, Saramago, em sua figura pública, foi sempre polêmico e não apenas em relação a esses dois aspectos

– o socialismo e a religião – embora sejam os mais visíveis. Expôs sua opinião acerca de todos os assuntos, tendo sobre eles sempre uma posição que parecia a definitiva. Ao mesmo tempo, ao que parece por seus diários e outros escritos, suas opiniões eram expressas em seu estilo: engenhoso. Queria ser o último socialista, ou melhor, comunista do Ocidente o que, obviamente, não é verdadeiro. E em matéria de religião era mais um ateu entre muitos, mas cuja obra tem um interesse muito evidente (e curioso) pelo religioso e pelo sagrado. Há ao menos um estudo de Jaime dos Reis Sant’Anna acerca disso que surpreende esse aspecto de sua obra. Penso, portanto, que são duas coisas diversas, ainda que com alguma relação: a figura pública e a obra.

INFORME: Qual sua influência no Brasil?

MVB: Não sei se poderíamos falar em influência de Saramago no Brasil. Não conheço nenhum escritor que se diga ou que aparente ter sido influenciado por ele. Lido no Brasil, sem dúvida. Além das inúmeras edições e reedições de sua obra, sua presença foi sempre muito grande aqui. Mas não saberia dizer se há algum escritor que tenha de fato dialogado com

ele do ponto de vista da obra. A literatura brasileira contemporânea parece-me, de uma maneira geral, bastante distante da literatura de Saramago. Penso que sua influência seja sobretudo no aspecto da leitura. Saramago foi e ainda é bastante lido.

INFORME: Ele será, após algum tempo, estudado e pedido em provas, sendo considerado um dos protagonistas da literatura de seu tempo?

MVB: Já foi pedido em vestibulares (Unicamp – há alguns anos atrás), é estudado – para além de em disciplinas específicas de literatura portuguesa de graduação e de pós-graduação – em outras disciplinas. Por exemplo, *Ensaio sobre a Cegueira*. Quanto ao futuro, creio que sim, será considerado um dos escritores representativos de sua época. Talvez não como o principal, mas como um dos protagonistas creio que sim, exatamente pela sua recepção em nossos dias. Tal recepção há de dizer alguma coisa sobre essa época para os homens do futuro.

Considero que sua visão utópica em muitos aspectos, bem como sua visão crítica e algo ácida em relação a grande parte da humanidade falarão muito de nossas oscilações ao futuro.

TESE DEFENDIDA NA HISTÓRIA É A MAIS ACESSADA DA USP

POR LUIS RICARDO BÉRGAMO

O trabalho “Avaliação do desempenho comercial do Mercosul: 1994 – 2005”, de Luciana Aparecida Bastos, defendido no Programa de Pós Graduação em História Econômica da FFLCH, com orientação do Professor Osvaldo Coggiola, alcançou o posto de tese da USP mais acessada no site da Biblioteca Digital da Universidade Gama Filho. Essa base de dados reúne os acervos digitais das bibliotecas de 1.435 universidades de 62 países, além de artigos de 48 mil periódicos científicos.

A tese foi defendida na FFLCH em 2009 e avalia o desempenho comercial do Mercosul. O intuito foi verificar de que maneira as crises internacionais da segunda metade da década de 1990, bem como as crises conjunturais e estruturais das economias dos países membros, influenciaram no desempenho do comércio intra e extra regional.

Conversamos com a autora da tese, Luciana Bastos, que nos falou um pouco sobre sua carreira aca-

dêmica e sobre o quanto ficou surpresa ao ver seu trabalho tornar-se uma referência bibliográfica dentre os trabalhos da USP.

INFORME: Gostaria que você descrevesse um pouco da sua trajetória acadêmica.

Luciana Bastos: Ingressei na graduação em 1993, com 17 anos de idade. Cursei Ciências Econômicas, na Universidade Estadual de Maringá (UEM-PR). Sempre estudei em escolas públicas. Durante a graduação, tive a oportunidade de participar do programa de Iniciação Científica, sob a tutoria do Prof. Dr. Neio Lucio Peres Gualda. Foi aí que iniciei minhas pesquisas. Nesse período, estudávamos a competitividade industrial da região sul do Brasil no Mercosul, utilizando como arcabouço teórico a Nova Teoria do Comércio Internacional e o índice de Grubel & Lloyd. Este era um projeto de meu orientador, no qual um amigo e eu fomos inse-

ridos. Nesse período, tivemos a oportunidade de participar de vários eventos científicos com publicações de trabalhos. No final da graduação, após 5 anos, fui congratulada com o Prêmio Ney Marques de Economia, oferecido todos os anos ao formando que apresentar o melhor desempenho durante o curso, e com o quarto lugar no Prêmio Paraná de Economia, que é um concurso Estadual que laureia as melhores monografias do Paraná. Nesse mesmo período, o Prof. Dr. Adalberto de Mourão Dantas, e o Prof. Dr. Antonio Carlos Lugnani, do Departamento de Economia da UEM, que haviam cursado o programa de pós graduação em nível de doutorado na FFLCH-USP, começaram a me incentivar a tentar o mestrado, também na FFLCH. Foi a partir desses incentivos que resolvi tentar o ingresso no programa de mestrado, em meados de 1998, na FFLCH. Como residia em uma cidade muito pequena do interior do Paraná, chamada Nova Esperança, as pessoas não acreditavam ser possível que eu conseguisse ir tão longe. Mesmo porque eu viajava todos os dias para estudar em Maringá. A UEM é a única universidade pública da cidade e bastante conceituada. Mas, apesar da descrença das pessoas, graças a Deus, e ao apoio de meus pais, Laercio e Marina e do meu irmão Tiago, fui aprovada no processo de seleção da FFLCH. Foi mais um desafio superado!

Meu orientador no programa de mestrado foi o Prof. Dr. Jorge Luis da Silva Grespan, a quem admiro e respeito muito. Durante o mestrado, estudei o processo de industrialização do Paraná, tentando vislumbrar uma nova abordagem do mesmo, diferente da tradicional. Pensei em desistir várias vezes porque, logo que iniciei o mestrado, comecei a lecionar em nível superior em duas universidades distintas, aqui mesmo no Paraná. Então, tinha que conciliar o trabalho com as aulas. Ficava metade da semana em São Paulo e a outra metade no Paraná. Foi bastante complicado e cansativo! Eu não queria bolsa porque achava que a experiência em sala de aula seria primordial naquele momento. Porém, como nesse período lecionei em cursos de Relações Internacionais e Comércio Exterior, comecei a me interessar em voltar a pesquisar nessa área. Então, em 2004 decidi enfrentar o processo de seleção novamente, agora para o doutorado. Verificando as linhas de pesquisa dos orientadores, encontrei o nome do Prof. Dr. Osvaldo Luis Angel Coggiola e me interessei por seus trabalhos. Inscrevi-me para a sele-

ção mas fiquei meio desesperançosa porque ele era muito disputado! Mas, graças a Deus, mais uma vez, tudo deu certo. O professor Coggiola tem uma vasta experiência e excelência em estudos da América Latina, dentre outros trabalhos que desenvolve em outras linhas de pesquisa. Mas, particularmente, interessei-me pelo Mercosul por ser um projeto novo, data de 1994, e pouco estudado. Continuei mantendo aquela vida louca de trabalhar e estudar. Em 2006, surgiu a oportunidade de prestar um concurso na FECILCAM- Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão-PR, hoje UEPR - campus de Campo Mourão, na área de Teoria Econômica. Graças a Deus fui aprovada e hoje sou professora adjunta do departamento de economia da UEPR- Universidade Estadual do Paraná. Lidero um grupo de pesquisa denominado “Economia Internacional e Políticas Regionais”, onde procuramos avaliar se as distintas mesorregiões do Paraná tem aproveitado as vantagens oriundas da integração do Mercosul e da proximidade geográfica com os países-membros, para expandir suas relações comerciais com o bloco. Paralelamente a isso, sou regente do CORAL da Universidade, que adoro!

INFORME: Quando você se inscreveu para o doutorado, pensava que sua tese teria esta divulgação toda? Em algum momento, enquanto desenrolava a sua pesquisa, teve noção de que seu trabalho poderia se tornar uma referência?

LB: Jamais, nem em sonho, imaginei que minha tese fosse ter essa repercussão. Como disse, interessei-me pelo Mercosul por ser um projeto recente. Um projeto novo, como é o Mercosul, abre portas para pesquisas em todas as áreas do conhecimento que visem contribuir e cooperar para o desenvolvimento do mesmo, como história, cultura, linguagem, economia, espaço, relações internacionais, logística, comércio exterior, dentre inúmeras outras.

INFORME: Em sua pesquisa, você faz um grande apanhado de dez anos. Quais foram as suas fontes? Houve dificuldades com as fontes? Qual a peça mais importante de sua bibliografia, aquela que você pode destacar como indispensável para o seu trabalho?

LB: Houve dificuldades com as fontes porque o Mercosul, como mencionado, é um bloco novo. Agora, sobre qual fonte eu considere a mais impor-

tante, digo que todas elas tem a mesma importância, pois, na somatória de todas, constitui-se o todo do trabalho. Utilizei outras teses e dissertações sobre o tema, alguns livros, artigos científicos e várias fontes de dados como a CEPAL, ALADI, OMC, Mercosur, etc. O problema é que a metodologia de cálculo dessas bases de dados são diferentes, então alguns dados divergem. Acho que ainda vai demorar um tempo para esse problema ser resolvido. Porém, à medida que as pesquisas sobre o Mercosul forem avançando tudo se acerta.

INFORME: Como você vê o progresso ou retrocesso dos estudos sobre o Mercosul? Que importância tem estudar o Mercosul nos dias atuais?

LB: A integração econômica é parte inerente do processo de globalização. Os blocos econômicos são constituídos para ampliar os mercados regionais e gerar redução de custos de produção, a expansão da própria produção, a redução dos preços dos produtos ofertados e a melhora de sua qualidade a partir de reduções tarifárias, a expansão das exportações intra e extra regionais e economias de escala. Isso é funda-

mental para proporcionar o crescimento econômico dos países integrados, bem como seu desenvolvimento, uma vez que a expansão da produção gera o aumento do nível de empregos, renda e PIB. Desta forma, todos os estudos que vierem a contribuir para o processo de integração do Mercosul (embora também existam vários críticos ao processo) será de grande valia. Acho as críticas muito importantes e também muito bem-vindas, pois é a divergência de pensamento quem gera mais pesquisa, quem proporciona a multiplicação das ciências e quem contribui para a pluralidade do conhecimento e isso é a universidade. Esse é o seu papel.

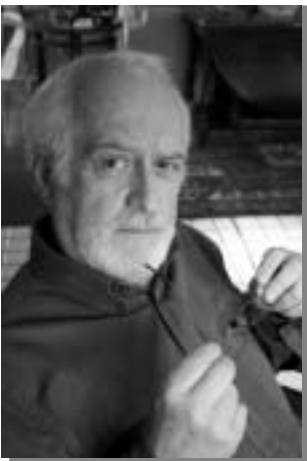
INFORME: Quais os desdobramentos que você espera dessa tese?

LB: Bem, acabo de lançar um livro, que é a tese em resumo, um pouco mais didática, pela Editora Biblioteca 24x7, de São Paulo. O que espero é que as pesquisas sobre o Mercosul se expandam e contribuam para encontrar caminhos para que os países integrados e suas populações sejam beneficiadas, seja na presença ou na ausência da supranacionalidade desejada

PREMIAÇÃO

PROFESSOR DA FFLCH GANHA PRÊMIO MACHADO DE ASSIS DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

POR RAFAEL KOPKO



Em junho deste ano, o professor Carlos Guilherme Mota foi premiado pela Academia Brasileira de Letras (ABL) com o prêmio Machado de Assis.

O Prof. Carlos Guilherme, hoje aposentado, foi Professor Titular de História Contemporânea da FFLCH e recebeu o título de Professor Emérito da Faculdade em 2009. Foi Diretor fundador do Instituto de Estudos Avançados da USP (1986-88, na gestão do reitor Goldemberg), do qual é Professor Honorário, e também Diretor do Arquivo do Estado de São Paulo, tendo coordenado a construção de suas novas instalações no Terminal Rodoviário do Tietê. A convite de Darcy Ribeiro e Antonio Candido, coordenou o grupo de implantação das atividades do Memorial da América Latina, do qual também participaram Alfredo Bosi e Octávio Ianni, dentre outros.

O prêmio Machado de Assis, concedido desde 1941, é a mais importante premiação literária brasileira, e é concedido pelo conjunto da obra. Marcos Vinícios Vilaça, Presidente da ABL, afirmou, sobre o prêmio dado ao professor:

“A entrega do Prêmio Machado de Assis a um historiador, pesquisador e professor tem um significado amplo. A Carlos Guilherme Mota se deve, por exemplo, em seu desempenho no Brasil e no exterior, percutiente revisão e interpretação da História do Brasil, singularizadas por enfoques inéditos da construção da nossa nacionalidade. Ao longo de quarenta anos de atividade acadêmica, percorre criticamente os rumos da sociedade, com olhar diferenciado e agudo”, disse, durante a entrega.

Em entrevista ao Informe, o Prof. Carlos Guilherme Mota fala sobre sua obra

INFORME: O prêmio Machado de Assis leva em consideração todas as obras do autor. O senhor poderia falar um pouco sobre sua obra, principais temas e abordagem?

Carlos Guilherme Mota: Minha atenção principal está voltada para a História das ideologias e mentalidades, dentro da tradição do velho historiador Lucien Febvre, fundador com Marc Bloch da Escola dos Annales, que marcou muito a nossa Faculdade. Mas cultivo aberturas para as reflexões sobre o trabalho e o método de se fazer História de Hobsbawm e Vovelle, além do velho Marx, de Max Weber e muito de Karl Mannheim. E dos historiadores da Revolução Francesa que cá estiveram, como Soboul e Godechot, ensinando e discutindo comigo, com Fernando Novais e outros. Tudo isso com o tempero de um historiador brasileiro como Caio Prado Júnior, ou jurista-historiador como Raymundo Faoro e um sociólogo com a abertura e empenho de Florestan Fernandes. Todos esses autores/pensadores delinearão meu caminho, deram-me referência na caminhada para enfrentar a História Contemporânea e nossa História tão complexa, tão cheia de ambiguidades e derrapagens. Essas marcas aparecem em meu livro *História do Brasil. Uma interpretação*, escrito com Adriana Lopez (Editora Senac, 1056 páginas; há uma edição espanhola). Meus principais temas sempre se situaram na esfera das formas de pensamento, das ideologias, dos quadros mentais, e isso procurei indicar em meus livros sobre as ideias de revolução e contrarrevolu-

ção, bem como sobre as formas de pensamento ajustadas ao sistema, do século 18 aos nossos dias. As ideologias culturais também sempre me chamaram a atenção, a começar pela discussão se existe, de fato, uma Cultura Brasileira, tal como designaram ideólogos como Gilberto Freyre, Fernando de Azevedo e tantos outros. Do mesmo modo que me perguntava se, de fato, existe uma “Cultura Espanhola”...ora... Enfim, voltei-me aos estudos operando com o conceito de sistemas ideológicos que segregam noções por assim dizer culturais e servem, no mais das vezes, para a manutenção do status quo...mas também ocupei-me das contra-ideologias e da contra-história, como indicam os títulos de meus livros mais recentes. Contra-história que quase sempre é a verdadeira História... Nesse sentido, nossa Faculdade, à qual devo muito de minha formação, sempre foi muito forte, ou seja, na desmistificação desses fantasmas “pseudoconceituais”. Claro que por vezes construímos por aqui outros mitos, locais, uns gurus pós-modernos, mas cujas fantasmagorias também se desmancham no devido tempo... Veja esse regressismo gilbertiano, essa nostalgia que alguns têm dos tempos do Império e das barbas brancas de Pedro II. Ou um certo nabuquismo... Um atraso.

INFORME: Vi que em um dos seus livros, *Ideologia da Cultura Brasileira*, o senhor diz que não somos uma nação “mansa, de língua única e sem contradições”. Qual seria a “caracterização” do Brasil?

CGM: O que é uma nação? Como não falar que nossa História, a desta “Nação”, é a da contrarrevolução preventiva permanente, da Conciliação com “c” maiúsculo como metodologia de dominação das elites desde 1850, a da exclusão social, política e cultural que se aprofunda (apesar de parecer o contrário), com essa colonialidade do poder, ora aberto ora sutil e sofisticado, enquanto a população continua crescendo nessa situação de alienação que nos leva hoje a indagar, inclusive em nosso mundo mais próximo, sobre o porquê desse silêncio ensurdecedor que vive a universidade brasileira? Não concordo com essa visão de que somos caracterizados por uma História mansa: durante todo o período colonial e imperial houve sempre levantes, insurreições e até revoluções (coarctadas). Praticamente não houve ano em que não eclodisse um levante, logo abafado, reprimido. É tempo de se reler *Conciliação e Reforma*, de José Honório

Rodrigues!!! Parece que não aprendemos NADA!!! E a capacidade das elites criarem mecanismos de cooptação das massas, mas também dos intelectuais mais críticos, sempre foi assustadora: veja o que vem ocorrendo neste país dos governos “progressistas” (FHC e Lula para cá, para não falarmos dos anteriores). Acho que a hora é de relermos o Manifesto, de Marx e Engels, para entendermos como a cultura de resistência pode se dissolver com essa ascensão da lumpenbúrguesia e do lumpenproletariado. Sem falarmos das lumpen-igrejas messiânicas e das lumpen-universidades que proliferam... Os últimos governos nada mais fizeram do que amaciar as lutas de classes, estamentos e castas. Enfim, vemos se fortalecer o modelo autocrático-burguês detectado e analisado pelo professor Florestan, em seu clássico *A Revolução Burguesa no Brasil*. Basta ler o último capítulo. O problema é que ninguém lê... Que se assista então, ao menos, sua última entrevista ao Programa Roda-Viva, da TV Cultura, em 1994, gravado poucos meses antes de falecer. Hora de acordar...

INFORME: O senhor comenta que existe um Brasil ainda a ser descoberto. Qual seria esse?

CGM: O Brasil da resistência a tudo o que está aí, externa ao tal modelo autocrático mencionado, que abriga os Renans e os Lobões. Novos partidos como o PSOL sugerem outras linhas de ação e reflexão, para além dos aloprados, dos tucanos, garotinhos e kassabianos. Uma nova sociedade civil desponta, com forma e conteúdo ainda pouco definidos, e que não se enquadra no atual sistema partidário, nem se sente representada nos aparelhos de Estado. É imensa a população que rala nos ônibus pelas madrugadas, em direção aos seus postos de trabalho, com precária assistência social, bem como é aviltante a situação salarial de profissionais como professores, enfermeiros e trabalhadores que veem suas condições de vida se deteriorar, apesar das “bolhas” da tal classe C e outras bolhices, criadas pela cultura do marketing nesta sociedade do espetáculo. Enfim, novamente, a sociedade que resiste e que, de certo modo, adota o conceito de cultura de resistência, que já marcou esta Escola. Ele está de volta. O que consola é que, para além de novos agentes sociais, ou seja, aqueles que não foram cooptados pelo Sistema, há novas gerações de intelectuais, professores, médicos, advogados, promotores, jornalistas, e trabalhadores em geral e até uma nova burguesia que vem propondo novos

horizontes. Difícil de enxergar, mas existem. Que esta Faculdade também acorde, para auxiliar como já ajudou, a diagnosticar o quadro histórico-social e os impasses atuais. Nossa Faculdade tem uma história e uma responsabilidade.

INFORME: Seria possível dizer dois momentos decisivos para a formação da cultura brasileira, que a tenham transformado no que é hoje?

CGM: Não saberia dizer. O problema é procurarmos saber o que somos e o que valemos como sociedade, hoje. Pois não creio que sejamos propriamente uma sociedade no sentido moderno do termo; o professor Ianni dizia que não devemos confundir esse conceito com o de “aglomerado”... O historiador Caio Prado Júnior, por sua vez, que aliás nunca deu aula nesta universidade (por quê não, vale perguntar? onde estavam Sérgio Buarque e colegas?), dizia que o Brasil é um país muito atrasado. “Muito atrasado”, repetia várias vezes, dizendo ainda que “toda a História do Brasil sempre foi um negócio”... Isso me marcou muito. Como posso dizer que nossa burguesia é progressista, se nosso capitalismo ainda é senzaleiro, até na rua Oscar Freire? Ela raramente dá sequer um níquel para a formação de quadros universitários de ensino e pesquisa, como em outros países que viveram reais revoluções burguesas e se preocuparam a sério com educação, saúde, cultura, habitação. Como dizer que nosso proletariado (se é que ainda existe esse conceito) é avançado? Avançado em quê, perguntavam os bons sociólogos marxistas dos anos 70 e 80? Esses problemas é que devem estar rondando a mente da presidenta Dilma, pois ela viu e viveu por dentro os porões do Sistema, sofreu tortura e - espero, mais uma vez - não deverá deixar esmaecer sua visão ética da vida e de mundo. Ela corre risco! Quanto à sua pergunta: talvez um desses dois momentos decisivos tenha sido a eleição dela para a presidência. O outro, não sei... Vamos aguardar, pois a perspectiva histórica sempre abre novos panoramas e possibilidades. Vamos estudar, ler, pensar, dizia Nelson Mandela na prisão.

Livros do historiador Carlos Guilherme Mota:

Escreveu:

- *Ideologia da Cultura Brasileira* (Editora 34; pref. de Alfredo Bosi, Premio APCA).

- *Nordeste 1817. Estudos das Formas de Pensamento* (Editora Perspectiva, 1972 e 2006).

- *A Ideia de Revolução no Brasil e outras Ideias e História e contra-História* (E. Globo, 2008 e 2010).
 - *História da Folha de S. Paulo*, com Maria Helena Capelato (SP, Impres, 1981).
 - *1789-1798. A Revolução Francesa* (Perspectiva, 2007. Posfácio de Francisco Iglésias).
 - *História do Brasil. Uma Interpretação* (em coautoria com Adriana Lopez; Editora Senac, 2008) com prefácio do embaixador e historiador Alberto da Costa e Silva; obra também publicada em espa-

nhol pela Editora da Universidade de Salamanca e ganhadora do Prêmio Jabuti.

Coordenou:

- *Viagem Incompleta. A Experiência Brasileira. 1500-2000* (São Paulo: Ed. SENAC, 2000, 2 volumes; 25 autores).
 - *Juristas na Formação do Estado Luso-Brasileiro, Século XVIII a 1850* (São Paulo: 2006, 3 volumes).

MEMÓRIA

100 ANOS DE TENNESSEE WILLIAMS

POR LUIS RICARDO BÉRGAMO

“Descobri na escrita uma fuga de um mundo real no qual me sentia profundamente desconfortável”
 (Tennessee Williams)

Este é o ano do centenário de nascimento do autor de teatro norte-americano Tennessee Williams, que nasceu em 26 de março de 1911, na cidade de Columbus, estado do Mississippi. Williams foi vencedor duas vezes do Prêmio Pulitzer; em 1948, com “Um bonde chamado desejo” e depois, em 1955, com “Gata em teto de zinco quente”. Mas não foram só estas peças que tiveram notoriedade, muitas outras ganharam prêmios ao redor do mundo e dentre todos os seus prêmios, podemos destacar a alta condecoração do Estado Norte-americano, a Medalha Presidencial da Liberdade, recebida em 1980 pelo conjunto de sua obra. Ele faleceu em Nova York, em 1983. Depois de Shakespeare, Tennessee Williams é o segundo autor de língua inglesa mais adaptado para o cinema, com destaque para “Uma rua chamada pecado” (1951), com Vivien Leigh e Marlon Brandon nos papéis principais, dando a ela o Oscar de melhor atriz. Esse grande uso de suas peças teatrais pelo cinema mostra a força expressiva de seus diálogos, curtos e entrecortados, repletos de imagens mentais belas e que evocam uma poética de sonho que contrasta com

a dura realidade mostrada em cena. A Biblioteca dos Estados Unidos (Library of America), em virtude do centenário de nascimento do autor, que também escreveu outras modalidades de literatura, lançou este ano uma edição com 33 peças essenciais de Tennessee Williams. Somente 5 dramaturgos, de toda a história literária norte-americana, estão prestigiados nessa coleção, a saber: Tennessee Williams, Eugene O’Neill, George Kaufman, Arthur Miller e Thornton Wilder.

No Brasil, para comemorar o centenário de nascimento deste importante autor, o Grupo de Teatro TAPA (Teatro Amador Produções Artísticas), estreou em São Paulo, no mês de junho, com direção geral de Eduardo Tolentino de Araújo e Brian Penito Ross, o espetáculo “Alguns blues do Tennessee”, composto por 3 peças curtas do autor: “O quarto escuro”, “Verão no lago” e “A dama da loção anti-piolho”. Outros espetáculos com peças do autor estão programados pelo TAPA para o segundo semestre, além da publicação, prevista para o final do ano, de 32 peças - 26 curtas e seis longas - traduzidas dentro do processo de oficinas e de estudo interpretativo

da obra do autor realizada pelo grupo. A coordenação das traduções e revisão final ficou sob responsabilidade da professora do Departamento de Letras Modernas da FFLCH, Maria Sílvia Betti, que define: “As peças em um ato serviram sempre, no trabalho do dramaturgo, como uma espécie de laboratório de experimentações estilísticas, e foi a partir de recursos de expressão nelas previamente empregados que ele extraiu elementos que seriam utilizados posteriormente em peças de maior duração que viriam a se constituir em marcos dentro do conjunto de seus trabalhos”.

Tennessee Williams começou a escrever dramaturgia na década de 30, em plena depressão econômica dos EUA. Natural que seu teatro tomasse partido dos menos afortunados com a vida, ganhando notoriedade em 1944 com a peça “À margem da vida”. A maior parte das peças de Tennessee Williams não trata de personagens que alguma vez desfrutaram de riqueza e prestígio social e sim do contrário, ou seja, da classe média premida por dificuldades econômicas ou de proletários e excluídos, sem qualquer chance de inserção no mundo competitivo do trabalho e da ascensão social: são prostitutas decadentes, bêbados, boêmios, escritores que sonham com um improvável sucesso literário, moradores de espeluncas e de casas de cômodos que vivem precariamente sem família e sem perspectivas de futuro.

Para a professora Maria Sílvia Betti, a presença de elementos de cunho autobiográfico nas peças do autor serviu de pretexto para que a crítica especializada passasse a fixar sua atenção nesse aspecto em detrimento de outros, especialmente dos que incorriam em crítica contundente do estilo de vida dominante dos Estados Unidos. Em artigo, a professora Maria Sílvia escreve: “Suas peças tratam via de regra, das angústias de personagens vitimadas pela repressão sexual, pelo preconceito social e pela inadequação ao individualismo e à competitividade da sociedade norte-americana do século XX, onde vigoram a ideologia da procura desenfreada do sucesso e os valores inerentes ao capitalismo em seu grau máximo”.

Basta darmos uma pequena atenção para as peças mais famosas do autor, como “Um bonde chamado desejo” e “A margem da vida” (as duas com adaptações para o cinema) para constatarmos que ambas trazem em comum personagens que se apegam à perspectiva do sonho como fuga aos enfrentamentos socialmente impostos pelo *american way of life*, e que se encontram enredadas num esquema

fixo de vida, enclausuradas em destinos sociais anteriormente estabelecidos, sem lugar para a criatividade ou pulso para tomar as suas vidas por conta própria. É a lógica do capitalismo permeando as relações pessoais. Vemos então que o drama pessoal vivido pelas personagens é também uma alegoria da classe média, onde o micro apresentado no palco representa o macro vivido nas ruas. O que o autor critica em sua obra é a ideologia do sucesso e do consumo e ao final, surpreende o expectador com um desenlace inesperado, sem enveredar pelo moralismo exagerado do politicamente correto.

Algumas de suas obras levadas à tela:

“À margem da vida” (1950), com direção de Irving Rapper. No elenco Gertrude Lawrence, Kirk Douglas e Jane Wyman.

“Uma rua chamada pecado” (1951), direção de Elia Kazan. Com Marlon Brando e Vivien Leigh nos papéis principais, é a principal obra do autor.

“A rosa tatuada” (1955), dirigido por Daniel Mann. Teve o casal Anna Magnani e Burt Lancaster como intérpretes.

“Boneca de carne” (1956), segunda obra de T. Williams dirigida por Elia Kazan. Com Carrol Baker, Karl Malden e Eli Wallach no elenco.

“Gata em teto de zinco quente”, dirigido por Richard Brooks, em 1958, com Elizabeth Taylor, Paul Newman e Burl Ives.

“De repente, no último verão” (1959), dirigido por Joseph L. Mankiewicz, com Elizabeth Taylor, Catherine Hepburn e Montgomery Clift.

“Em Roma, na Primavera” (1961), com direção de Quintero, tendo os astros Vivien Leigh e Warren Beatty no elenco.

Fontes:

Maria Sílvia Betti é professora do Departamento de Letras Modernas da USP e são de sua autoria os artigos usados para a composição dessa matéria:

“Tennessee Williams Experimental e Antirrealista”. In: Sheila Maluf e Ricardo Bigi Aquino. (Org.). *Olhares sobre Textos e Encenações*. 1 ed. Maceió: Edufal/EDUFBA, 2007, v. 1, p. 10-16.

“Tennessee Williams: formas não dramáticas nas peças em um ato. Um relato de estudo cênico e interpretativo”. Trabalho apresentando ao GT de Dramaturgia e Teatro no VI Congresso da ABRACE

(Associação Brasileira de pesquisa e Pós Graduação em Artes Cênicas) em 2010. Disponível em <http://www.portalabrace.org/vicongresso/dramaturgia/Maria%20S%20EDivia%20Betti%20-%20Tennessee%20Williams%20-%20Formas%20n%20E3o%20dram%20E1ticas%20nas%20pe%20E7as%20em%20um%20ato%20-%20Um%20relato%20de%20estudo%20c%20EAnico%20e%20interpre-tativo.pdf>.

“Tennessee Williams: contemporâneo e desafiador”.

EVENTO

FFLCH REALIZA SEMINÁRIO EM HOMENAGEM AO PROFESSOR MILTON SANTOS

POR LUIS RICARDO BÉRGAMO



Nos dias 21 e 22 de junho, o Departamento de Geografia e o LABOPLAN - Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental promoveram o *Seminário Milton Santos: Caminhos e Desdobramentos da Pesquisa Geográfica*.

A ocasião marcou os dez anos de falecimento do Professor Milton Santos (1926-2001). O Seminário expôs os resultados recentes de doutorados e mestrados em geografia cuja construção traz conceitos que remetem ao legado teórico do homenageado. Assim, verificou-se a vitalidade do pensamento de Milton Santos e os avanços e transformações no entendimento do mundo em que vivemos.

Em entrevista para o Informe, a coordenadora do Laboplan, Profa. Dra. Mónica Arroyo, falou sobre como o pensamento do Professor Milton Santos se mantém vivo e da atualidade e importância dos trabalhos apresentados no Seminário.

INFORME: Por que surgiu a necessidade de

homenagear o Professor Milton Santos?

Mónica Arroyo: Milton Santos deixou como legado um arcabouço teórico-metodológico de significativa importância para a geografia e para as humanidades. Acreditamos que a melhor homenagem seria mostrar que seu pensamento, após dez anos do seu falecimento, está vivo e com grande poder elucidativo das dinâmicas territoriais neste início de século. Para manter-se viva, com grande capacidade explicativa, uma teoria precisa ser constantemente confrontada com os novos conteúdos da realidade, com o movimento da história. Este foi o papel das pesquisas tratadas no seminário. Foram mestrados e doutorados defendidos na última década, que fundamentados no sistema de conceitos proposto pelo professor permitiram refletir e debater sobre a multiplicidade de manifestações do espaço geográfico contemporâneo. Por isso, essa foi a forma escolhida para homenageá-lo, trazer à tona o resultado de trabalhos que encontram em sua obra inspiração.



INFORME: Qual a importância para a FFLCH e para a USP em homenagear o Professor Milton Santos?

MA: Para a FFLCH e para a USP, homenagear Milton Santos significa valorizar o sentido genuíno da

universidade, lugar do pensamento crítico, comprometido com o dever da sociedade. Reconhecendo seus pensadores, seus intelectuais, a universidade revive sua natureza de ser o lugar das preocupações teóricas e práticas da vida coletiva.

INFORME: Que lembranças o Seminário em homenagem ao Prof. Santos deixará para a FFLCH?

MA: O Laboplan, ao organizar este Seminário, desempenha seu papel institucional de socializar o resultado dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos e professores que encontram ali um ponto de integração e convergência de suas preocupações. O Laboplan sempre foi um ambiente de estudo para realizar trocas de experiências de pesquisas, para compartilhar reflexões, onde o trabalho intelectual se realiza e avança também por um esforço de comunicação. Cabe destacar que este ambiente foi e continua sendo estimulado pelos professores Maria Adélia Aparecida de Souza, Rosa Ester Rossini e Armen Mamigonian que, junto com Milton Santos, fundaram o laboratório e formaram inúmeros pesquisadores, hoje doutores e mestres, muitos dos quais hoje participamos deste Seminário, ora como organizadores ora como expo- sitores de mesas redondas.

As mesas redondas tiveram como base algumas das principais temáticas presentes nas pesquisas acadêmicas, abordando diferentes aspectos do uso do território brasileiro. As dinâmicas da urbanização foram abordadas tanto do ponto de vista das políticas territoriais estatais - por exemplo, na condução dos programas habitacionais (Melissa Giacometti de Godoy) ou na criação de municípios no front agrícola (Silvana da Silva) - quanto na questão da especialização produtiva (Paula Borin). Abordou-se, também, a dinâmica do circuito inferior da economia urbana, conceito inovador proposto por Milton Santos ainda na década de 70, que permite explicar a economia dos pequenos na cidade (Marina Montenegro).

O uso do território pelas grandes empresas também foi abordado, evidenciando suas estratégias de expansão e relações com o planejamento estatal. Foi apresentado o papel das empresas de consultoria na condução do macroplanejamento do país e nos diversos processos de privatização ocorridos na década de 90, com destaque para as políticas territoriais do BNDES (Helio Caetano Farias e Alcides Manzoni Neto). Outra temática levantada nesta mesa foi a



estratégia de expansão das financeiras no país, sobretudo após a década de 90 (Ricardo Scherma), e a popularização do discurso de responsabilidade social empresarial nesse mesmo período (Evelyn Arruda Pereira).

Relacionada ao planejamento e às estratégias empresariais, mas dessa vez no tocante à produção agrícola, a mesa “Meio técnico-científico-informacional e trabalho no campo” trouxe com grande destaque a modernização no front agrícola brasileiro. As empresas e fluxos produzidos em função da soja no Centro-Oeste (Samuel Frederico), a agricultura irrigada no vale do São Francisco em Petrolina/Juazeiro (Soraia Ramos) e o zoneamento ecológico-econômico em Rondônia e no Acre (Mirlei Pereira) foram problemáticas levantadas. Ainda destacou-se o importante papel da EMBRAPA na cientifização da agricultura no país, como um suporte institucional a essa expansão territorial e mudança qualitativa do uso agrícola do território (Francisco do Nascimento).

Uma temática antiga na geografia, mas que ganhou novos conteúdos no momento atual, foi trazida pela mesa “Território brasileiro e globalização: fluidez potencial, fluidez efetiva”. Nela, tratou-se a questão do movimento em suas mais diversas qualidades: desde os motoboys em São Paulo, de cujo fluxo incessante depende o funcionamento da cidade tal qual em um globo da morte, interessante metáfora trazida por Ricardo Barbosa da Silva; a rede de fluxos crescente na aviação flexível do país, utilizada em geral por grandes empresários no acesso a locais de negócio (Fabrício Gallo); o fluxo de mercadorias entre o centro-oeste e norte do país, configurando um eixo entre Manaus/Belém/Porto Velho/ Distrito Federal, com diversas ramificações (Daniel Monteiro Huertas); e a migração atual Brasil/Portugal, um fluxo de pessoas que promove encontros e desencontros culturais (Aline Lima Santos).

A saúde e sua relação com o território foram abordadas em outra mesa redonda. Esta temática tem ganhado grande destaque, uma vez que, sendo o fornecimento de serviços de saúde direito de todos os cidadãos e obrigação do Estado, a compreensão das dinâmicas territoriais é essencial para o cuidado da população. Neste contexto, Jane de Assis Barbosa trouxe como a questão da saúde pública se constitui no bairro Guarapes, na periferia de Natal, enquanto Mariana Albuquerque desvendou o funcionamento do SUS, tomando como base o município de Campinas, e Virna Carvalho David apresentou as empresas de equipamento para saúde, que se constituem em um circuito superior marginal da economia de várias cidades paulistas.

A última mesa, intitulada “Território e cultura: a força do mercado, a força do lugar”, abordou, por um lado, o funcionamento da grande mídia, como a rede Globo e afiliadas (Eliane Regina Munhoz), e o papel da publicidade na construção técnica e simbólica do território (Lídia Antongiovanni) e, por outro, tratou de movimentos mais localizados, como o hip-hop em São Paulo (Carin Carrer Gomes) e do circuito musical alternativo em Campinas (Cristiano Nunes Alves). Não se trata, entretanto, de dois polos independentes ou autônomos. Como o estudo de Vanir de Lima Belo sobre o carnaval paulista demonstra, juntamente com o conteúdo midiático aparentemente homogêneo veiculado ao grande público, existe toda uma vida cotidiana nos barracões, no qual a força do lugar encontra-se presente.

A diversidade de temas tratados nas mesas mostra a riqueza de reflexões permitida através dos conceitos propostos por Milton Santos, e indica um caminho fértil de pesquisas a ser trilhado.

INFORME: Qual a sua recomendação para o estudante iniciante que acabou de conhecer a

obra do Prof. Milton Santos?

MA: São muitos os percursos a serem escolhidos, a única recomendação que me parece possível generalizar é a de que é preciso ser dedicado e paciente para tratar com o conhecimento produzido. Como a obra de Milton Santos não é de simples compreensão, é preciso ser, da mesma forma, dedicado e paciente. Antes de mais nada, seus escritos são um convite a pensar. Como todo pensamento profundo, este conta com uma densidade que nem sempre facilita a primeira leitura, mas que, sem dúvida, provoca no leitor importantes reflexões e questionamentos sobre a contemporaneidade. Assim, uma sugestão para os estudantes que estão começando é promover grupos de leitura e discussão. Temos notado que estes grupos facilitam bastante a compreensão de obras como “A natureza do espaço”, que apresenta fundamentos conceituais para a ciência geográfica, ou como “Por uma outra globalização”, livro que apresenta uma crítica importante e substantiva sobre o período atual.

INFORME: Podemos esperar desdobramentos desse Seminário?

MA: Esperamos que o seminário inspire novas pesquisas e questionamentos para pensar o Brasil, a América Latina e o mundo contemporâneo. Vale ressaltar que para aqueles que estiveram no auditório, ou que tiveram a oportunidade de apresentar seus trabalhos, não há dúvida da existência de desdobramentos. A vivência intensa dos dois dias de seminário facilita intercâmbios que são a própria vida acadêmica e que, em sua dinâmica, fazem o conhecimento avançar. Ademais, a longo prazo, podemos estar seguros dos desdobramentos que se realizam por meio desses estudantes que, ao se tornarem professores/pesquisadores, são parte de uma tradição que se mantém viva.

MILTON SANTOS, UMA BIOGRAFIA AINDA EM CONSTRUÇÃO

É vasta a existência do baiano que nasceu na cidade de Brotas de Macaúbas, região da Chapada Diamantina, no dia 03 de maio. Seu pai e sua mãe eram professores primários. Na Universidade Federal da Bahia, formou-se em direito, em 1948. Nesse mesmo ano, já chama a atenção pela originalidade do pensamento. O doutorado foi feito na França, em

Estrasburgo, no ano de 1956. Em 1964 é preso e exilado na França, ficando fora do Brasil até o ano de 1977. No período de exílio, trabalhou em instituições da França, Estados Unidos, Canadá, Peru, Venezuela e Tanzânia.

Foi doutor *Honoris Causa* em diversas instituições que reconheceram sua importância para o en-

sino da geografia. Na USP, em 1984, foi professor titular do Departamento de Geografia, onde, com outros colegas, fundou o LABOPLAN. Os biógrafos do professor Milton Santos são unânimes ao dizer que a principal homenagem a ele oferecida foi o prêmio Vautrin Lud (o Nobel da geografia), em 1994.

Publicou cerca de 40 livros, muitos deles são referências obrigatórias para o estudo contemporâneo da geografia. Ocupou também cadeira na Comissão Justiça e Paz de São Paulo.

O Informe recolheu alguns depoimentos de pesquisadores sobre o professor Milton Santos:

ROSA ESTER ROSSINI

VICE-COORDENADORA DO LABOPLAN – DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

“Em relação à geografia, o mote de Milton Santos é: o espaço é social. É a interação entre a sociedade e a natureza. O ser humano é capaz, através do trabalho, de modificar a natureza e criar novos espaços, novos territórios e novos lugares. A Geografia de Milton Santos é a do movimento, não é uma geografia entendida estaticamente como espaço-palco, mas sim o espaço

que resulta do produto das relações que se estabelecem entre a sociedade e o espaço, portanto, o ser humano é a figura central na sua discussão.

Milton Santos era primeiro um filósofo, depois um geógrafo. Ele possibilitou um novo pensar da geografia, dizendo que nada começa agora, o agora é a continuação do ontem e já é a possibilidade do futuro”.

FABIO BETIOLI CONTEL

PROFESSOR DO DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

“A chegada do Professor Milton Santos ao Departamento de Geografia da FFLCH/USP, no ano de 1984, pode ser considerada como um marco da geografia brasileira. A partir de seu trabalho como professor, pesquisador e orientador de teses e dissertações, Milton Santos consolida em nosso Departamento uma geografia progressista, colada às vicissitudes do atual tempo histórico, e que vem rendendo bons frutos, mesmo depois de seu falecimento no ano de 2001.

Durante este período, Milton Santos organiza aqui uma série de congressos e seminários internacionais, usando seu enorme prestígio junto a diversas universidades na América Latina, África, Europa e Estados Unidos, para fazer da geografia brasileira um dos principais polos de construção e de debate

da geografia mundial. É neste contexto ainda que recebe várias honrarias acadêmicas, nacionais e internacionais, e escreve obras seminais para a geografia e para o pensamento social brasileiro, como é principalmente o caso dos livros *A natureza do espaço* (1996) e *Por uma outra globalização* (2000).

Esta capacidade intelectual ímpar se refletia também no seu trato com a pesquisa e o ensino, em especial com aqueles que tiveram a felicidade de serem alunos de Milton Santos no Departamento. Ao mesmo tempo em que demonstrava uma combatividade e rigor inabaláveis em suas conferências, aulas e textos, era de uma generosidade enorme com aqueles que se engajavam seriamente no estudo dos problemas de nosso país e do mundo”.

MANOEL LEMES DA SILVA NETO

PROFESSOR DE ARQUITETURA E URBANISMO DA PUC/CAMPINAS

“– O que há de novo, meu filho?

Era assim que o professor Milton Santos iniciava toda conversa quando nos encontrávamos ou falávamos por telefone. Esse jeito de se surpreender com o mundo, com as novidades que a vida traz, foi a primeira grande lição que aprendi com o mestre,

com quem convivi bons anos. É a novidade que interessa e move o mundo, que move a história e muda geografias, insistia ele. E tudo começava com o brilho no olhar, com o encantamento no descobrir característico daqueles que se surpreendem com tudo.

E mais. Para ele, a formulação teórica não está isenta

do posicionamento de seu formulador. Há, ao contrário, estreitos elos que reúnem a proposição teórica e a perspectiva da ação política. E nele havia uma indignação autêntica e natural, uma irredutibilidade quanto aos argumentos mal empregados, mal ajustados, ou, o que é mais grave, quanto aos argumentos deliberadamente arranjados para construir racionalidades próprias do pensamento hegemônico, e que distorcem a formulação do espaço do homem em favor do espaço abstrato das firmas, das coisas, dos negócios, das finanças, enfim, do globalitarismo.

Num dia, em uma palestra, ele surpreendeu ruidosamente a plateia ao dirigir-se a um grupo de estudantes desatentos dizendo textualmente o seguinte: “Venho de tempos morais e quero voltar a tempos morais”. E o disse convidando os alunos ao silêncio ou à retirada do recinto.

Milton Santos era um homem que se indignava especialmente com a desumanidade, o desrespeito, o abuso, a feiura e a injustiça. Isso, para ele, era o verdadeiro horror.

Em sua teoria, havia, sim, embutida, uma perspectiva libertária. A perspectiva de um projeto nacional. Um projeto de nação, e de cidadãos, e inteiros! Por completo! Sem condescendência. Essa convicção era o que garantia a coerência das afirmações e a profundidade dos enunciados. Não haveria como abrir mão do posicionamento crítico.

Juntavam-se análise crítica e projeto social. Reunia-se a complexa teoria do espaço social ao conceito prático de ação política, do território usado, do

território praticado pelos homens comuns. Isto é, por todos nós, para todos nós.

Milton Santos via, aí, na possibilidade de se concentrar nas suas convicções arrebatadoras, uma dessas certezas que lhe dirigia o olhar à frente, em busca do novo. Identificar novidades, estudá-las, defini-las, era mais do que prazer inato de seu espírito inquisitivo. Também representava, acredito eu, a possibilidade concreta de verificar a quantas andava a facticidade de avanço de um projeto que guardava para si mesmo. E o projeto que guardava para si mesmo, acredito eu mais uma vez, e sob influência marxista “e não marxizante, como corrigiria logo em seguida toda vez que tivesse oportunidade de fazê-lo “é o de que o futuro pertence à maioria, e que o sentido da história é a liberdade.

Foi o que o professor disse certa vez, não sei se por desabafo por um dia medíocre ou para compartilhar um segredo bem guardado das influências do “jovem Marx”, texto que se destacava em sua biblioteca entre outros clássicos marxistas. Ele amava o método, e se entristecia com o que denominava por citações declaratórias. Meras figuras retóricas a mostrar tão somente a erudição do escritor.

Por fim, para não limitar apenas às influências do materialismo crítico, citava, por exemplo, Santo Agostinho. O tempo segundo Santo Agostinho, perfilava-se em experiências onde o passado é memória, o presente, intuição e o futuro esperança.

De um modo ou de outro, o professor Milton Santos entrevia, ao longe, luzes de liberdade. A elas, portanto!”.

ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO

REFORMA NOS PRÉDIOS

POR RAFAEL KOPKO

As obras continuaram durante as férias na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Todos os prédios passam por alguma mudança neste mês.

No prédio da Administração, o projeto de acessibilidade está em fase de licitação pela COESF, enquanto a parte externa, que compreende o calçamento, escadaria e estacionamento, será iniciada. As

salas 122 e 124 aguardam a efetuação das compras para começar a reforma, assim como a sala do Serviço de Comunicação Social, onde será construído um estúdio de áudio. Na mesma situação encontra-se o almoxarifado, que ganhará novas divisórias. Por fim, está em projeto, no Salão Nobre, a instalação de um novo sistema de ar condicionado.

No prédio da Biblioteca, está em fase de projeto a reforma da copa, bem como o novo leiaute para atender as demandas de acessibilidade. Com o mesmo objetivo, será reformado o xerox, projeto que aguarda o serviço de compras ser efetuado.

O prédio de História e Geografia é o que mais receberá reformas, contabilizando doze projetos. Será reformada toda a instalação elétrica do prédio, o estacionamento e os laboratórios de Cartografia, Informática e Sensoriamento Remoto. Está em discussão a instalação de sistema de ar condicionado para todas as salas, bem como a troca dos tacos de madeira por piso vinílico. A construção de anfiteatros, lanchonete e cafeteria continua em progresso, enquanto a copa recebeu um outro portão e a instalação de novo forro e luminárias.

No prédio de Filosofia e Ciências Sociais encontra-se em projeto a reforma da rede elétrica para a instalação de ar condicionado nas salas, bem como a troca

da entrada da rede de água. A reforma dos gabinetes dos professores do Departamento de Antropologia está em andamento. O reparo do contrapiso aguarda o serviço de compras e o dos corrimãos foi concluído.

No prédio de Letras, encontram-se em projeto a reforma do CAELL, a ampliação do gabinete dos docentes, a pintura do prédio, a instalação de ar condicionado para as novas salas e a reforma da sala 168 para a instalação do laboratório de tradução. Aguardam as compras a reforma para instalação de carteiras para obesos e para abertura parcial da entrada de acesso ao espaço dos estudantes.

Está sendo reformulada a sinalização direcional e de corrimãos em todos os prédios e escadarias, exceto em Letras e na Casa de Cultura Japonesa. Além disso, está sendo revisado o projeto de instalação de câmeras e troca de luminárias dos prédios de Letras, Administração, História e Geografia e Casa de Cultura Japonesa.

PRODUÇÃO DA FACULDADE



Desterro: memórias em ruínas

Luis S. Krausz

Há quem diga que São Paulo é a cidade de todos os povos. Mas poucas vezes o grande público tem acesso ao que esses povos pensam sobre São Paulo – ou sobre o que significa, ao mesmo tempo, viver no Brasil e pertencer a uma cultura muito diferente. Conhecer essa convivência que nem sempre é descontraída – embora não necessariamente conflituosa – é o que nos oferece esse belo e delicado relato memorialístico de Luis S. Krausz.

O autor, educado num ambiente fortemente marcado pelo respeito à tradição judaica e à cultura de língua alemã, é neto de imigrantes judeus do antigo Império Austro-Húngaro, que se desintegrou com a Primeira Guerra Mundial. Seu livro é um percurso saudoso desses tempos de glória, ao qual seus avós se apegam com quase desespero. Nascido e criado em São Paulo, Krausz se vê herdando a saudade de tempos e lugares que nunca viveu, ao mesmo tempo que se defronta com a realidade brasileira contemporânea, alheia às ruínas de memória que carrega consigo, num diálogo angustiado, que trai, quando não explicita, a perpetuação desse desterro a pairar sobre sua história como condenação bíblica.

Seu estilo, como requer o decoro confessional, está eivado de descrições de paisagens, emoções, sensações, detalhes e caracterizações de personagens – alguns muito impressionantes, como o avô obcecado com a coleção de relógios em preciso ordenamento, sacralizados numa inacessível sala-santuário, como se guardassem os mistérios da Revelação, ou o amigo refugiado em seu Walhala, aguardando a neve em Campos do Jordão ao som de Wagner. Há parágrafos longos, profundamente reflexivos, às vezes constituídos de uma única frase – como é o caso da que abre o livro – e enunciados agudos, constatações sobre a natureza humana em sentenças lapidárias, condensação de personalidades em gestos sutis que só um olhar muito arguto poderia captar.

Editora: Tordesilhas



Manuscrita - Revista de Crítica Genética, n. 19

A Manuscrita configura-se como um espaço de permanente diálogo, em que convivem a diversidade de corpora e de enfoques hermenêuticos, relatos de pesquisa e testemunhos, texto e imagem, a produção nacional e a estrangeira. Em seu conjunto haverá sempre unidade na diversidade, espelhando um objetivo comum: as indagações sobre os caminhos da criação na arte.

Editora: Humanitas

O Cortiço

Aluísio Azevedo

Obra ímpar do naturalismo brasileiro, o livro narra a ganância de João Romão, proprietário do cortiço que dá título ao livro, local por onde desfilam tipos e histórias das mais diversas. O livro é parte da coleção “Literatura e trabalho”, fruto de projeto de edição de textos literários coordenado pelos Profs. Drs. Walnice Nogueira Galvão e Zenir Campos Reis (FFLCH); Enid Yatsuda (Unicamp) e por Miguel Yoshida, editor da Editora Expressão Popular.

Editora: Expressão Popular



Vozes da Ficção: narrativas do mundo do trabalho

Coletânea de contos que faz parte da coleção “Literatura e Trabalho”, fruto de projeto de edição de textos literários coordenado pelos Profs. Drs. Walnice Nogueira Galvão e Zenir Campos Reis (FFLCH); Enid Yatsuda (Unicamp) e por Miguel Yoshida, editor da Editora Expressão Popular.

Editora: Expressão Popular

Cognição e Linguagem: Perspectivas interdisciplinares

Lélia Erbolato Melo (org.)

O interesse pelo tema cognição articulado com a linguagem ocupa, atualmente, um lugar privilegiado em diferentes áreas de estudo, na medida em que psicolinguistas, psicólogos, fonoaudiólogos e professores de língua materna estão sempre lidando – de forma explícita ou implícita – com a questão das possíveis relações entre pensamento e linguagem. Paralelamente, observamos também que a investigação sobre o desenvolvimento cognitivo enfatiza hipóteses sobre o papel da linguagem no conhecimento humano e/ou da cognição na aquisição da linguagem. As reflexões resultantes desta observação reforçam, então, o entrelaçamento entre desenvolvimento cognitivo e desenvolvimento linguístico.

As autoras esperam que os textos escolhidos, que tratam destas questões tanto teórica como empiricamente, tragam contribuições e inspirem novas pesquisas.



Editora: CRV



A Política do Brasil Lúmpen e Místico

José de Souza Martins

Uma anomalia política marca a sociedade brasileira da época contemporânea. Atualiza e reproduz uma dinâmica característica do Brasil, cujo destino o escravismo e o latifúndio balizaram no capitalismo peculiar que herdamos e seus desdobramentos na política, na sociedade e na cultura até os dias de hoje. Nossa duradoura anomia criou um campo de decisões e ações de uma práxis invertida em que os contrários cumprem funções historicamente opostas às que lhes são próprias. De um lado nas funções socialmente progressistas e transformadoras das pastorais sociais da Igreja Católica, que consubstancia a grande tradição do pensamento conservador. De outro, grupos e partidos doutrinariamente progressistas dedicam-se às funções políticas conservadoras e reprodutivas. Nosso conformismo mal disfarçado ganha sentido nessas inversões. Neste livro, o autor interpreta esse poder dos opostos na determinação de nossa história lenta.

O surgimento de novos sujeitos políticos durante o regime autoritário, e a plenitude de sua expressão no regime atual, modificou o cenário político do Brasil, alterou o jogo do poder e redefiniu o protagonismo dos antigos grupos e partidos. O Brasil lúmpen e místico, secularmente confinado, reprimido, silenciado e desacreditado, emergiu nos interstícios do cerceamento partidário durante a ditadura e ganhou vida própria após a cessação do autoritarismo. Por meio dele as estruturas políticas profundas da sociedade brasileira redefiniram o sentido da política, as funções dos partidos e o alcance da democracia. O autor retoma neste livro a tradição esquecida da interpretação do Brasil político nas suas anomalias constitutivas, que o fazem discrepante dos modelos relativos às sociedades de clássica referência das análises políticas.

Editora: Contexto

Crônicas do mundo ao revés

Flávio Aguiar

Em seu primeiro livro escrito em Berlim, onde vive desde 2007, o escritor e professor de Literatura Brasileira da USP Flávio Aguiar desafia o leitor a distinguir ficção de realidade em dezenove histórias de amor, ódio e sobrevivência. Em *Crônicas do mundo ao revés* (Boitempo Editorial) – livro de contos, crônicas e “causos” –, a ambiguidade da narrativa é anunciada logo no início: uma das condições do mundo ao revés é não levar a sério demais quem narra, avisa o autor. “Somos bombardeados continuamente por imagens e mensagens sobre cuja idoneidade e veracidade não temos a menor ideia. Isso não nos impede, no entanto, de fazer escolhas nem de sair de uma história para entrar em outra”, afirma.



Exercendo liberdade total de expressão, Aguiar constrói múltiplos narradores que não se guiam pelo ideal do politicamente correto. Cada história é um fragmento de estilo, e o conjunto forma uma unidade tão controversa quanto a própria identidade do ser humano. Dividida em quatro partes (“Tempos difíceis”, “Palavras difíceis”, “Causos difíceis” e “Histórias difíceis”), a obra trata de uma variedade de temas que vão da história familiar do autor aos tempos da ditadura militar e suas cicatrizes na vida brasileira. “O livro se pauta pelo bom humor e pela ironia de seus narradores, mesmo ao enfrentar histórias trágicas, como muitas do golpe de 1964 e suas consequências. É um olhar irônico e distanciado que viaja também à infância e às pequenas histórias ocultas dos grandes segredos familiares”, diz o autor.

Como o autor ressalta numa “Advertência” inicial, o mundo ao revés é aquele onde se registra o impossível de acontecer – mas que, no entanto, acontece. Todas as histórias são permeadas por uma fina ironia, como a do militante da luta armada contra a ditadura no Cone Sul que se agarra à vida e sobrevive à prisão, mas não a supera, pelo contrário, alimenta pensamentos suicidas em seu retorno. O livro conta com apresentação da psicanalista Maria Rita Kehl e texto de orelha do escritor Roniwalter Jatobá.

Editora: Boitempo



Uma Arqueologia da Memória Social (Autobiografia de um moleque de fábrica)

José de Souza Martins

Numa manhã de verão de 1976, a inesperada descoberta de um incesto em suas origens desvendou para o autor o sentido de uma vida de silêncios e distâncias na história de sua família de imigrantes e trabalhadores. Foi o que o desafiou à aventura de uma autobiografia interpretativa. Uma arqueologia da memória coletiva em suas lembranças pessoais.

É incomum que profissionais das ciências humanas escrevam e publiquem livros de memórias, sobretudo pelas dificuldades para que se ponham diante do espelho e se vejam na imprescindível alteridade. No caso do autor deste livro, no entanto, sua história pessoal é marcada por episódios do que Peter Berger conceitua como alternância biográfica, momentos de ruptura no destino, inflexões que geram estranhamentos propícios à descrição e à interpretação sociológica da própria história.

Há um realismo fantástico na cultura popular, que não é apenas criação literária de grandes autores, como Gabriel Garcia Marquez, em *Cem Anos de Solidão*, ou Manuel Scorza, em *Bom Dia para os Defuntos*. O autor foi socializado nas experiências e nas concepções desse imaginário. Como na sombria feitiçaria de um padrasto que queria tornar-se invisível para atravessar as incógnitas de sua alienação operária e decifrar os fundamentos de suas atribulações do lado de lá do visível, as de um caminhar penoso para chegar a lugar nenhum. Foi o que estimulou o autor a adotar, no livro, uma obra de não-ficção, o recurso literário da estrutura do conto e o estilo do contador de causos que aprendeu com sua avó paterna analfabeta.

O Brasil visto pela margem de dentro de seus dilemas, dos dias de blecaute e racionamento da Segunda Guerra mundial à morte de Getúlio e à greve dos 400 mil, em 1957, no apogeu e crise do populismo getulista. Uma trajetória pessoal de adversidades e superações, na violência doméstica resultante do embate entre a ordem rústica que se desagregava e o urbano anômico que se impunha. Aquele era o Brasil do tempo do medo e a infância o tempo da iniciação ao medo. No olhar microscópico e cotidiano do estranho por excelência, a criança e adolescente, na roça e na fábrica, o do então chamado trabalhador “menor de idade”, o retrato de uma era decisiva no advento da modernidade no Brasil, a era Vargas.

Um convite à iniciação nas ciências humanas. Um jeito diferente de conhecer o que elas têm a dizer sobre o homem comum sem desconhecer-lhe o imaginário que dá sentido às incertezas do viver sem rumo.

Editora: Ateliê Editorial

Variações na fala e na escrita - Projetos Paralelos - NURC/SP Vol. 11

Dino Preti (Org.)

Esta obra reúne, mais uma vez, textos do grupo de pesquisa do “Projeto da norma linguística urbana culta de São Paulo”, o já conhecido NURC/SP. Este volume dedica-se ao estudo das variações na língua falada e na escrita e suas várias implicações, tema já abordado de passagem ao longo dos dez volumes anteriores. A abordagem destes pesquisadores preocupa-se em adotar uma forma didática de estudar o tema, compreensível não só por pesquisadores, professores e estudantes universitários mas também pelos que se iniciam no estudo da variação linguística. Vale salientar que a coleção “Os Projetos Paralelos – NURC/SP” é hoje uma referência obrigatória na bibliografia dos estudos da língua oral, no Brasil.



Editora: Humanitas



Nova História em Perspectiva

Fernando A. Novais e Rogério Forastieri da Silva (orgs.)

Nova História em Perspectiva reúne em dois volumes 41 textos, a maior parte inédita em português, onde se delinea a revolução que a historiografia viveu a partir do surgimento da Escola dos Annales em 1929. É a única obra do gênero publicada no Brasil. Além dos primeiros manifestos de combate, passando por ensaios clássicos, por desdobramentos, e chegando a interpretações recentes assinadas por historiadores que marcaram a disciplina no século XX, o leitor encontrará aqui um balanço crítico e uma tomada de posição dos organizadores. O conjunto dos textos, precedidos de uma alentada introdução, representa uma contribuição brasileira substantiva para a bibliografia internacional. Este primeiro volume é aberto por “Para uma historiografia da Nova História”, longa introdução que busca demarcar criticamente o campo metodológico e temático explorado pela Nova História, bem como as modificações provocadas em tradições historiográficas de outros países, notadamente os de língua inglesa. Reconhecido pelas parcimoniosas mas decisivas intervenções em sua disciplina, Fernando A. Novais, em trabalho a quatro mãos com Rogério Forastieri da Silva, destila neste texto de 60 páginas a reflexão de toda uma vida intelectual. É o seu texto mais importante depois de Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial, 1777-1808, publicado em 1979, obra que marcou gerações inteiras de historiadores brasileiros. Além da introdução, o volume é dividido em duas partes. Em Propostas são reunidos textos clássicos que levantaram as bandeiras da Escola dos Annales, assinados por historiadores-chave das três fases da Escola dos Annales: Lucien Febvre (1ª geração), fundador ao lado de Marc Bloch; Fernand Braudel (2ª geração), responsável pela consolidação institucional; e Jacques Le Goff e Pierre Nora (3ª geração), que ampliaram o leque interdisciplinar da Escola. Em Desdobramentos, a segunda parte do volume 1, historiadores franceses como Emmanuel Le Roy Ladurie, Pierra Chaunu, Maurice Aymard, Philippe Ariès, André Burguière, Michel Vovelle e Paul Veyne, assinam textos canônicos que atestam as inovações de método propostas pela Escola. São contemplados temas que se tornaram a sua marca registrada, como a longa duração e as mentalidades, ou o seu diálogo com as demais ciências humanas, como a antropologia e a economia. Nessa segunda parte, o leitor também encontrará textos que são testemunhos da influência exercida pela Escola dos Annales sobre outras tradições historiográficas, representadas por nomes como Carlo Ginzburg, Natalie Zemon Davis e Hayden White, entre outros. O conjunto dos textos vai interessar tanto aos estudantes e profissionais da área quanto ao leitor bem informado sobre as maiores transformações na historiografia do século XX.

Editora: COSAC NAIFY

Tessituras, Interações, Convergências

Sandra Nitrini (org.)

Em *Tessituras, Interações, Convergências*, a Literatura Comparada apresenta-se como um espaço relacional por excelência, no qual a literatura constitui o objeto primordial de estudo, análise, crítica, interpretação, na sua relação consigo mesma, com outras artes, outros saberes e com o mundo.

Editora: Abrallic/ Hucitec





O Papel do Congresso Nacional No Presidencialismo de Coalizão

José Álvaro Moisés (Org.)

Este livro apresenta os principais resultados da primeira fase da pesquisa “O Desempenho do Congresso Nacional no Contexto do Presidencialismo de Coalizão”, realizada por pesquisadores do Núcleo de Pesquisa de Políticas Públicas – NUPPs, da USP, entre agosto de 2009 e março de 2010, sob a coordenação do professor José Álvaro Moisés.

O estudo foi uma contribuição para a agenda de pesquisas empíricas da democracia que vem sendo realizadas no Brasil nas últimas duas décadas e meia. Apoiado pela Fundação Konrad Adenauer, o projeto envolveu o trabalho de quatro pesquisadores sênior e seis assistentes (entre estudantes de graduação e de pós-graduação do Departamento de Ciência Política) em torno da atuação de deputados e senadores brasileiros durante as legislaturas de 1995/1998, 1999/2002 e 2003/2006.

O objetivo principal do estudo era examinar o papel do Congresso Nacional, nas três legislaturas mencionadas, considerando-se as funções atribuídas a ele pela Constituição de 1988, em especial, no que tange ao controle dos demais poderes republicanos, como o executivo, assim como a sua dimensão propriamente representativa. O foco central da análise implicava a questão da governabilidade – um dos principais temas da literatura especializada recente –, mas foi complementado pela indagação sobre os nexos entre a atuação dos parlamentares e os seus representados a partir do que se pode depreender do próprio processo legislativo. Nesse sentido, com base nos dados empíricos mencionados, o projeto reexaminou questões que se referem à conexão entre as chamadas esferas decisória e eleitoral das instituições de representação que compõem o sistema político brasileiro.

E-book, disponível em <http://nupps.usp.br/>

Revista Literatura e Sociedade n°s 13 e 14

Os números 13 e 14 da Revista Literatura e Sociedade, do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, voltam-se à discussão do conceito de realismo e à análise e crítica de obras realistas num sentido amplo. Se, tal como formulado por Brecht, “o estilo realista só pode ser distinguido do não realista na medida em que é confrontado com a própria realidade da qual trata”, o que a revista tem por horizonte é o modo vivo como a obra pode ser um campo de forças e de conhecimento da realidade, para além de períodos ou rígidas determinações. O leitor encontrará, assim, ao longo dos dois números, ensaios dedicados a Machado, Zola, Henry James, Dickens (mais afins ao campo em questão), mas, também, textos sobre Cornélio Penna, Virgínia Woolf, Rodrigo Naves e Beckett, além de ensaios sobre cinema (o documentário brasileiro) e artes plásticas (a obra de Antonio Dias). A revista apresenta ainda uma entrevista com Dolf Oehler, e alguns textos-chave (palestras ainda não publicadas ou textos não disponíveis em português), como os de Iná Camargo Costa sobre o teatro épico, Fredric Jameson acerca da polêmica em torno ao realismo nos anos 30, Ian Watt sobre a escrita de *A ascensão do romance* e Roberto Schwarz acerca do realismo em Machado (exposição originalmente feita no colóquio “The persistence of realism”, organizado por Franco Moretti).



Publicação do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP



História do PT

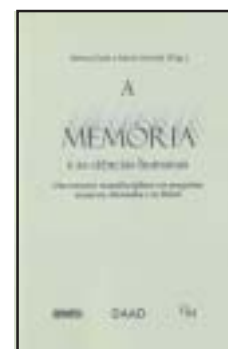
Lincoln Secco

Este é um dos primeiros livros sobre a história do PT. se lança em um projeto corajoso. Afinal, como lembra o autor à luz de Antonio Gramsci, “escrever a história de um partido significa escrever a história geral de um país”. Esta é a história de um partido cuja trajetória nasce da luta pela democratização do país. Neste livro, o autor se preocupa em reconstituir os fatos à luz das estruturas do tempo e do espaço, trazendo uma história que transcende suas lideranças e adentra nos meandros da ação política desde suas bases. Um livro sincero, de historiador para o cidadão.

Editora: Ateliê Editorial

A Memória e as ciências humanas um conceito transdisciplinar em pesquisas atuais na Alemanha e no Brasil

Helmut Galle e Rainer Schmidt (orgs.)



Ultimamente, as neurociências têm contribuído com muitos novos conhecimentos sobre as funções mentais e os processos de manter e recuperar lembranças, e essas novas descobertas começam a ser consideradas também pelas disciplinas que se dedicam ao ser humano e à cultura. O presente volume, que reúne nove artigos e conta com a participação de onze autores, entre eles professores da USP, Unifesp e Unicamp, abrangerá as seguintes disciplinas: direito, ciências políticas, psicologia, história, história da arte, letras, filosofia, psicanálise e neurociências. Cada ensaio apresenta um caso específico que demonstra a forma como o conceito de memória é utilizado de acordo com a metodologia da respectiva disciplina. A contribuição da neurologia evidenciará o funcionamento da memória individual segundo os conhecimentos atuais a respeito do cérebro, complementando o panorama das ciências humanas com um aporte das biociências.

Editora: Humanitas



Revista de História nº 164

A Comissão Editorial da *Revista de História* comunica a publicação de seu último número. A edição de nº 164, correspondente ao 2º semestre de 2011, pode ser integralmente consultada em <http://revhistoria.usp.br>. Essa edição, além dos artigos de fluxo, conta com um dossiê sobre ensino de história.

Revista de História é uma publicação do Departamento de História e dos Programas de Pós-graduação em História Social e em História Econômica da Faculdade.



Fronteiras da Integração: Dimensões Culturais do Mercosul

Ligia Chiappini, Jan-David Hauck e Liana Timm (orgs.)

Este livro contém textos de pesquisadores do Brasil, da Alemanha e da Argentina, para apresentar e discutir os resultados da pesquisa então realizada sobre as dimensões culturais do MERCOSUL, levando em conta a perspectiva fronteiriça.

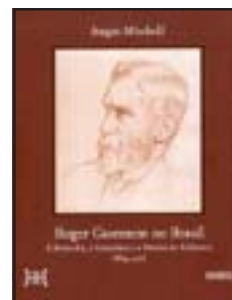
Editora: Território das Artes

Roger Casement no Brasil

“A Borracha, a Amazônia e o Mundo do Atlântico” - Angus Mitchell

Laura P. Z. Izarra (org.)

A publicação deste livro comemora o centenário das viagens de Roger Casement à Amazônia e, em especial, a sua defesa dos direitos humanos, durante o período de extração da borracha no Congo e no Brasil. Esta compilação de fotografias e textos, relativa ao seu tempo no Brasil, selecionada e apresentada pelo distinto pesquisador Angus Mitchell, irá inspirar novas perspectivas em diversos campos de investigação.



Editora: Humanitas

INFORME

Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - nº 63 - julho/agosto de 2011



Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Serviço de Comunicação Social – SCS

Prédio da Administração – Rua do Lago, 717
Cidade Universitária – CEP 05508-900
São Paulo / SP
Telefones: 3091-4612 / 4938 / 1513

